

38º Encontro Anual da ANPOCS

SPG 18: Religiões em trânsitos: formação de territórios, redes, políticas, mídias e subjetividades

VIGIAR E EXORTAR: NOTAS SOBRE FIGURAS PÚBLICAS, FOFOCA E HUMOR NO MUNDO GOSPEL

Raquel Sant'Ana¹

Nas últimas décadas os evangélicos têm ocupado um espaço crescente na esfera pública, seja por uma atuação cada vez mais organizada na política institucional, por sua presença midiática ou mesmo como consequência de seu aumento numérico. Suas especificidades os tornaram um mercado importante a ser explorado para diferentes fins.

O número de evangélicos no Brasil passou de 9% da população em 1991 para 22,2% em 2010, sendo esse crescimento constatado especialmente entre as classes mais baixas e a partir das igrejas pentecostais e neo-pentecostais². Houve, assim, uma mudança no perfil dos evangélicos brasileiros, que durante boa parte do século XX foram identificados com os chamados evangélicos de missão e tiveram na atuação em frentes educacionais sua presença mais marcada na esfera pública (Mafra, 2001).

A imagem dos evangélicos no senso comum do fim do século XX passou a incluir menos a lembrança dos professores presbiterianos e batistas e mais das falas marcantes dos pastores pentecostais nas praças, trens e televisores, das músicas *gospel* escutadas em alto som para alcançar os vizinhos, ou de multidões televisionadas em igrejas lotadas onde se fala de prosperidade e/ou batalha espiritual. Tudo reunido sob uma noção geral do que seria o “evangélico”.

Além disso, pelo menos desde a redemocratização, há iniciativas crescentes de organização para a atuação deste segmento na política parlamentar. A prática de indicação de votos em candidatos apoiados pelas igrejas se expandiu (Machado, 2003 e

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional

²Dados do Censo IBGE.

Oro, 2003) e foi acompanhada da organização de uma frente parlamentar que, embora possua enorme heterogeneidade interna, estabeleceu uma pauta comum de atuação (Vital da Cunha e Lopes, 2012). Esse cenário deu uma nova visibilidade a um perfil específico de evangélicos na política nacional, estabelecendo-se figuras públicas que passaram a representar para os olhares externos, os “evangélicos” em geral.³

Diante dessas transformações, nas últimas décadas, muitas vezes a imagem pública produzida *sobre* os evangélicos tem privilegiado, traços de uma seriedade opaca que frequentemente remetem a grupos de fiéis cegamente manipulados por seus líderes. Como ressaltou Clara Mafra (2001, 2011), essa imagem é fruto não apenas de uma visão negativa do que se costuma enquadrar como religião, que estaria oposta a uma racionalidade iluminadora, mas teria relação também com um preconceito mais amplo acerca das classes populares, vistas como ignorantes e manipuláveis.

Assim, ideias de “massa” ou “massivo”, que são frequentemente associadas a uma suposta “baixa cultura” (Martin Barbero, 1997) também se fazem presentes nas formulações sobre os evangélicos e grande parte da atenção acadêmica e, sobretudo, jornalística tem sido dada aos discursos de líderes e figuras públicas. Essa atenção pressupõe que estes líderes seriam os verdadeiros “agentes” dos quais se deduziriam as ações da “massa”.

Muito tem sido feito a partir das ciências sociais para demonstrar os problemas dessas noções. A análise dos limites da coesão eleitoral dos evangélicos (Machado, 2003; Oro, 2003; Vital e Lopes, 2012) e mesmo o estudo de grupos dissidentes (Novaes, 1985, 2001), têm permitido perceber que a construção de autoridades e comunidades nesse universo, como em qualquer outro, implica mediações, agências múltiplas e conflitos.

O crescimento de uma mídia *gospel*⁴, em que circulam cantores, pastores e parlamentares como figuras públicas, coloca novos problemas à questão da “liderança” e

³ Embora nem todas essas figuras públicas se arroguem explicitamente esse papel. Silas Malafaia, de quem tratarei adiante, embora não tenha sido eleito para nenhum cargo parlamentar e seja representante de uma denominação evangélica entre muitas, constrói em sua atuação pública um lugar de “evangélico” frente ao “mundo”. Lugar que é contestado por evangélicos que divergem de suas posturas, mas que também é reconhecido, especialmente por aqueles a quem ele se contrapõe.

⁴ Há diferentes entendimentos – inclusive em disputa uns com os outros – do que seja “*gospel*”. Não me estenderei nesse debate aqui, embora o desenvolva em minha tese, mas esclareço que ao falar de “*gospel*”

da “autoridade” religiosa. Cada vez mais essas lideranças aparecem como “evangélicas” para além de seus pertencimentos denominacionais, demonstrando que a problemática da formação de comunidades mais fluidas e relacionadas aos modelos midiáticos (tal como propõe Carly Machado, 2010) também tem pertinência para o entendimento dos evangélicos no Brasil.

Neste trabalho, abordo a questão das figuras públicas evangélicas a partir de fragmentos que se acumulam nas esferas não oficiais, vistas como “desimportantes” e por vezes clandestinas, como o riso e a “fofoca”. Mais do que analisar as falas oficiais dessas pessoas, pretendo atentar a formas de recepção desses discursos que considero “boas para pensar”.

Em primeiro lugar, analiso a repercussão das acusações ao cantor evangélico Thalles Roberto, feitas publicamente através do *site youtube.com* por um produtor que afirmava que Thalles não teria comparecido a um *show* organizado por ele porque o cantor teria como prioridade o dinheiro e estaria agindo como uma “estrela” e não para “abençoar vidas”. A acusação se desdobrou em várias outras que ouvi de pessoas com diferentes relações com a música *gospel* e em espaços tão diversos quanto grupos em redes sociais, *shows gospel* e até uma conversa incidental no metrô com uma desconhecida.

Procuró analisar, nesse caso, a concepção de atuação pública do evangélico que está em jogo nas defesas e acusações ao cantor, os meios de circulação dessas informações e também as categorias que são acionadas para legitimar ou deslegitimar a acusação, como “exortar”, em contraponto a “fofoca” e “maledicência”.

Em seguida, trago o segundo exemplo, o da recepção irônica (e os conflitos que ela originou) de parte do público aos discursos feitos por lideranças e artistas durante os *shows* realizados na chamada “Manifestação pacífica em Brasília”⁵, que reuniu

tenho em mente o processo descrito por Magali Cunha (2007) ao apontar uma reorganização da produção midiática evangélica nos anos 1990.

⁵ O ano de 2013 foi marcado por grandes manifestações de rua a partir do mês de junho. O discurso construído pela imprensa polarizava o que chamaram de manifestantes “baderneiros”, que promoveriam ações de violência aos “pacíficos”, tendo esse sido o tom de muitas defesas de algumas ações de repressão por parte da polícia que estavam sendo contestadas. O nome dado à manifestação endossava essa ideia de polarização e situava os evangélicos nesse campo “pacífico”.

importantes cantores evangélicos para defesa das bandeiras da Frente Parlamentar Evangélica no ano de 2013. O ponto mais alto dessa postura do público se deu em resposta a um discurso do pastor Silas Malafaia⁶ que continha, ele próprio, uma série de recursos de humor em relação aos adversários que atacava. Nesse caso, procuro entender o lugar do humor na construção e desconstrução de legitimidades, assim como sua possibilidade de trazer a público e fazer circular informações (entre elas, também acusações) que operam na esfera da “fofoca”.

Os dados utilizados nesta análise foram coletados no processo de pesquisa, ainda em curso, para o desenvolvimento de minha tese de doutorado acerca da atuação pública dos evangélicos no Brasil a partir do circuito de música *gospel*. As “entradas” que possibilitaram acesso a essas informações e o tratamento que lhes dou correspondem a uma concepção de “trabalho de campo” que entende como impossível a separação entre um “campo” que estaria “lá fora” a ser explorado, de um lado, e de outro, a vida e as relações do antropólogo (Fabian, 2001; Velho, 1981).

Assim, o acesso às acusações a Thalles Roberto aqui trabalhadas foi possibilitado por notícias que apareciam em postagens de parentes e amigos evangélicos em redes sociais, uma conversa involuntária com uma senhora que se sentou ao meu lado no metrô e que por acaso tinha uma música desse cantor como toque de seu celular, e conversas informais no acompanhamento da produção de *shows gospel* durante o ano de 2013. Aqui, tento, justamente, problematizar os meios pelos quais essas informações são capazes de circular e suas implicações. Já os dados sobre a “Manifestação Pacífica em Brasília” são fruto de minha presença na plateia, acompanhando, naquele momento, outro grupo de jovens para os fins de minha pesquisa.

“Deus é expert em derrubar estrelas”

⁶ Líder da Assembléia de Deus Vitória em Cristo que mantém um programa televisivo e atua na organização de ações públicas como a Marcha para Jesus do Rio de Janeiro e mesmo a “Manifestação pacífica em Brasília” de que trato aqui.

Thalles Roberto é dos cantores *gospel* de maior visibilidade no momento. Com mais de 5 milhões de seguidores em redes sociais e mais de um milhão de cópias vendidas em menos de 4 anos de carreira, ele é marca de um momento de aproximação de artistas e produtores evangélicos dos setores mais sólidos da indústria cultural “secular”. Assim, o cantor se apresenta em espaços como quadras de escola de samba, programas de auditório e suas músicas tocam em rádios seculares de música popular.

A postura de Thalles inclui também uma linguagem jovem e é repleta de gestos e palavras-chave que funcionam como marca do cantor. Frases como “dos 3”, que remete a um pertencimento à trindade divina cristã, ou o *slogan* “na pressão”, que se referiria à atuação do espírito santo, são estampadas em suas camisas e repetidas durante suas apresentações, por meio mesmo de seu gestual, como na indicação do número 3 com os dedos da mão colocada à frente do corpo em posição semelhante ao gestual de cantores de *rap* e *hip hop*.

Embora já conhecesse o cantor, só tive real dimensão do que significava um *show* de Thalles Roberto ao presenciar uma apresentação sua na Marcha para Jesus do Rio de Janeiro de 2013. A programação contava com cantores de grande sucesso e que mobilizaram o público de maneira muito intensa, mas nada comparado ao que ocorreu quando a apresentadora disse que o público devia se preparar, pois a próxima apresentação seria “na pressão”.

Imediatamente, houve uma grande mobilização de pessoas tentando vencer os corpos à sua frente para conseguir um lugar mais próximo ao palco. Ao soarem os vocalizes que o cantor costuma fazer, a plateia passou a pular de maneira ritmada e a acompanhar a música “Deus da minha vida” com vozes e coreografia. Lágrimas e olhos fechados não eram incomuns. Algo que não era completamente diferente do *show* de uma banda secular de grande sucesso, mas que destoava em intensidade e forma das demais apresentações do evento.

Essa “pressão”, como o cantor costuma chamar, não foi exclusividade da Marcha para Jesus. Os *shows* de Thalles são marcados por essa forte recepção que, por isso mesmo, é razão de apoios, mas também de críticas. Já havia ouvido alguns comentários irônicos, por exemplo, de evangélicos que diziam não gostar dele por ser um “*pop star*”, ou uma piada de um músico do segmento que ao ouvi-lo tocar no rádio do carro pediu que se retirasse a música, pois não tinha paciência para o “Guilherme Arantes *gospel*” ao

que foi respondido pelo motorista que se tratava, na verdade, do “Michael Jackson *gospel*”.

Um episódio, no entanto, deu vazão a essas críticas e construiu, de fato, um campo de debate acerca da atuação do cantor: os problemas ocorridos em uma apresentação programada para a cidade de União dos Palmares, Alagoas. Embora seu *show* estivesse agendado e divulgado e o cantor tenha até mesmo chegado à cidade, a apresentação não ocorreu, deixando o público revoltado. O organizador do evento, Pastor Ivonildo Abrahão foi ao palco e disse que Thalles não iria se apresentar por conta da falta de 23 mil reais em seu cachê, embora já houvessem sido pagos 42 mil.

Após um relato pessoal em que o pastor contou as dificuldades que teria passado para organizar o evento e depois de um “alarme falso” em que se acreditou que o cantor havia sido demovido e estava a caminho do *show*, o pastor encerrou o evento, com sua família no palco, fazendo uma oração em que, entre outras coisas, dizia que Deus é “*expert* em derrubar estrelas”. Sua fala foi aplaudida pelo público que aguardava Thalles, filmada e postada no site *youtube.com*. O vídeo registrou, ainda, a reação do público que gritava “mercenário” e se dirigia ao hotel onde estaria o cantor cantando “Thalles, pode contar que a sua hora vai chegar”.⁷

Diante da circulação do vídeo, que recebeu o título de “Escândalo: Depois de receber R\$42 mil, Thalles Roberto não vai a *show* e é chamado de mercenário” o cantor deu uma entrevista ao programa “mude sua mente” do projeto metanóia⁸, que também ficou disponível no *youtube.com* dando sua “versão”. No vídeo, Thalles afirma que as pessoas deveriam tomar cuidado para não espalhar informações sem confirmar, pois poderiam se tornar “instrumentos de satanás” que estaria tentando destruir a obra de Deus.

O cantor afirma que não teria se apresentado porque a organização do evento teria deixado de pagar a outros profissionais, do som e da segurança e ele não poderia compactuar com isso “como cristão”. Além disso, afirma que não cobraria cachê para

⁷ O vídeo está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=pb2agJO6jfU>. Conferido em 15/08/2014.

⁸ Projeto interdenominacional voltado para a juventude.

tocar em Igrejas, apenas em eventos em que a própria organização teria lucro com as entradas cobradas.⁹

O pastor Ivonildo Abrahão gravou, então, outro vídeo de resposta a Thalles em que apresenta o que seriam os comprovantes de pagamento do som e da segurança, além de todos os outros gastos com o evento e afirma de forma ainda mais veemente que testemunhas poderiam comprovar que houve disposição de outras pessoas presentes no evento para complementar o que faltara no cachê do cantor, oferecendo-se, inclusive, um carro. Segundo ele o cantor não teria aceito e teria dito que não tocava para “minorias” – o evento estava com público menor do que o esperado.

O tom desse vídeo, porém, é de desabafo pessoal. O pastor fala todo o tempo diretamente para a câmera e relata os problemas pessoais que estaria enfrentando:

Você Thalles, deixou meu filho depressivo, meu filho de 15 anos, filho de um pastor, é verdade, depressivo... A minha filha, com três anos de idade, ela está tendo acompanhamento psicológico, tenho várias testemunhas... sabe por quê? Porque ela pega um papel e uma caneta e ela fica escrevendo, dizendo assim: Patrick o som tá bom, o Thales vai gostar do som, fica tranquilo que ele vai cantar daqui a pouco ele tá chegando. Uma criança de três anos, uma covardia, mas Deus tá no controle...

O vídeo procura argumentar em dois sentidos, por um lado que Thalles teria deixado de se apresentar pelo dinheiro que faltava em seu cachê e porque havia um público menor do que o esperado e, por outro lado, que o cantor estaria difamando e caluniando o organizador.

Embora o vídeo mostre recibos e comprovantes de pagamento, a argumentação não é exatamente sobre o contrato (que o próprio pastor Ivonildo confirma não ter sido cumprido completamente), mas sobre um dever moral que o cantor teria para com o evento, para o qual havia sido chamado para “abençoar vidas”. Assim, o pastor se refere ao palco como “altar” e enfatiza o valor de 65 mil reais do cachê do cantor, dos quais 42

⁹ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=GXBvnC4HYq8hj> . Conferido no dia 15/08/2014.

mil teriam sido pagos em contraste com a postura esperada por ele, de que o cantor não fizesse questão do cumprimento do acordo.

Da mesma forma as referências à “justiça” englobam não apenas um processo judicial, mas um reconhecimento pelo “Brasil” e uma justiça divina, aspectos que parecem difíceis de separar:

existe um deus, ele é fiel e ele sabe de todas as coisas. Que Deus venha a abençoar a população do Brasil e que esse gigante chamado Brasil, ele venha a acordar de verdade, porque na vida nós temos direitos e deveres. O meu dever eu fiz, o seu o senhor não fez, porque o senhor quando eu estava lhe declarando lá que eu tinha lhe pago 42 mil e faltava 23 tinha pessoas aqui, olha, já com o dinheiro na mão te oferecendo cheque e carro. (...) Como o senhor mesmo disse com uma linguagem chula “vai feder”, entendeu, vai feder na justiça, realmente eu não quero usar essa linguagem feia, mas o tribunal de Deus dessa e desse o senhor não escapa e eu creio que dos homens aqui na terra, Deus também, Ele vai te dar uma segurada, mas não é pra te derrubar nem te derrotar, nem te arrebentar não, é pra lembrar que toda honra, toda glória, todo poder e toda majestade só pertence a um deus

O pastor segue na direção de associar o comportamento de Thalles a uma promoção pessoal e critica uma declaração em que o cantor teria dito que preferia que seu filho fosse cantor a baterista, para que ocupasse um espaço de maior visibilidade no palco, o que comprovaria postura vaidosa de Thalles. O vídeo termina com o Pastor afirmando que se disponibiliza a qualquer emissora que queira mostrar os recibos e com uma sequência de imagens de comprovantes de pagamento que seriam os mencionados no vídeo.

Se a circulação do primeiro vídeo já havia tido repercussão, a publicação do depoimento do Pastor Ivonildo gerou um efeito ainda maior, sendo repostado a uma velocidade grande em diversos perfis – o que torna inclusive difícil apurar o real número de visualizações, que ultrapassa o meio milhão de acessos em apenas um dos perfis – e redes sociais.

Um desses compartilhamentos, feito pela Pastora Tania Freitas, da Igreja Batista Nacional na cidade de Pontes Lacerda, no Mato Grosso, a partir da “notícia” produzida pelo *site* “O fuxico gospel”, possuía a seguinte mensagem:

Na verdade enquanto haver [sic] pastores que bancam este "artistas" infelizmente ainda existirão, nós pastores temos que nos unir como igreja de Cristo, santa e verdadeira, e não permitir que tais pessoas com essas e muitas outros tipos de atitude que não condizem com as Escrituras Sagradas, pisar [sic] nos púlpitos da igrejas, e muito menos fazermos shows com intuítos de ganhar dinheiro, pois não foi este o exemplo deixado por Cristo, só assim, essa raça desaparecerá e nascerá uma geração de adoradores, e muitos vindos destes mesmos, se arrependendo, e voltando a essência, pois o próprio tem uma canção lindíssima que fala justamente deste assunto. Oremos por ele meus querido [sic] irmãos para que ele possa levantar, e voltar, lembrando de onde caiu e veio se perder em meio a maldita fama, deixando ser engodado por seu astuto inimigo chamado satanás. Abraços a todos

Para os fins deste trabalho é importante, em primeiro lugar, destacar os termos dessas acusações. A principal questão em jogo é a ambiguidade do lugar de Thalles como figura pública. Isso porque, se por um lado são lembrados os parâmetros do contrato e a “legalidade” do evento, toda a argumentação de Ivonildo, que teve eco em grande parte do público, segue no sentido de relativizar os aspectos legais e favorecer um modelo de ação que se aproxima de uma ideia de “ministério”.

Na justificativa de seus “ministérios”, é comum ouvir cantores fazerem menções a uma origem da palavra ministério no latim, onde significaria “servo”. Ministério é comumente utilizada para denominar uma espécie de pastorado, a responsabilidade do pastor, “ministro de Deus” sobre suas “ovelhas”.

O avanço, nos anos 1990, das chamadas “comunidades evangélicas” e a autonomização de “ministérios” musicais que, gravando seus álbuns, circulavam com apresentações que se concentravam em uma experiência de “adoração”, têm relação direta com isso. As motivações para o trabalho desenvolvido são, dessa forma, apontadas como espirituais, são cumprir um chamado de Deus para “abençoar vidas” com as canções.

Aos poucos, a ideia de ministério parece ter se tornado uma solução para os dilemas que o termo “carreira” colocava aos cantores evangélicos e também uma alternativa para responder às acusações de idolatria que surgiram quando o *gospel* dos anos 1990 passou a contar com um circuito relativamente independente das igrejas e a promover os cantores baseados nos modelos do *star system* secular.

Os cantores deixaram de denominar-se “artistas” e passaram a se identificar como “ministros”. Os perigos da “ vaidade”, do uso para fins financeiros do “nome de Deus” passaram a ser desviados por uma ideia de que o trabalho musical desenvolvido é um chamado de Deus e o cantor apenas um instrumento de seus intentos.

Segundo esse modelo, menos do que trabalho artístico a ser remunerado, o que deveria estar em jogo seria um “louvor” desinteressado, abrindo mão de ganhos materiais e de visibilidade pessoal para a visibilidade da “obra de Deus”. É possível perceber, portanto, que as acusações de “mercenário” e de “estrela” feitas a Thalles visam reafirmar esse parâmetro.

O caminho de estudos clássicos sobre mecanismos de regulação social (Vidich e Bensman, 1968; Hannerz, 1967; Gluckman, 1963) demonstram que muitas vezes a fofoca e as acusações a condutas particulares têm o sentido de preservação de uma certa imagem de um grupo em face de suas diferenças internas e em relação a pressões vistas como externas. Nesse sentido, podemos pensar a acusação de Ivonildo como um reforço a um modo de enxergar como deve agir uma figura pública evangélica como Thalles, que deveria ser diferente da relação de trabalho exercida por cantores não-evangélicos, ou seja, um reforço a uma diferença com o “mundo” não evangélico.

Interessante, porém, é que a defesa de Thalles não é no sentido de reivindicar um cumprimento do contrato nos termos jurídicos, ou de reconhecer que exercia um trabalho remunerado segundo parâmetros legais. Ao contrário, o cantor enfatiza que não cobra das igrejas onde toca, mas apenas daqueles que tiram lucro dos eventos, deslocando o peso do “lucro” para seu contratante, e posiciona a sua exigência de que os demais profissionais do evento tivessem sido pagos num “exemplo” que deveria ser dado pelos “cristãos”. Sua conclusão também carrega essa preocupação com os impactos para a imagem dos evangélicos ao afirmar que espalhar notícias como essa era se tornar “instrumento de satanás”, atrapalhando a “obra” de Deus.

Assim, se a acusação de Ivonildo é de que Thalles agiria por motivações financeiras e de vaidade pessoal e que ele seria uma “estrela” nos moldes de artistas seculares, parte da defesa de Thalles é acusar a acusação, enquadrá-la como uma “fofoca”, um “instrumento de satanás” para parar a “obra de Deus”. E esse enquadramento parece ter eco.

Em agosto de 2013, no auge da circulação dessas informações pela internet, ouvi um toque de celular com a música “Deus da minha vida”, de Thalles, e comentei com Edilane, a mulher de cerca de 30 anos que o carregava, que conhecia a música.

Iniciamos uma conversa em que ela contou que as músicas de Thalles a tinham trazido “de volta pra Deus”, após ouvir uma música do cantor compartilhada por um amigo na internet: “no meio de toda aquela porção de coisa, de besteira, vaidade, Deus me fez ver justo o Thalles e abriu meus olhos, eu podia nem ter visto, tava lá vigiando a vida dos outros, mas Deus colocou ele ali pra eu ver” . Ela contou que estava “desviada” por que na Igreja que frequentava havia muita “fofoca” e “o inimigo faz essas armadilhas com a gente, eu caí na armadilha”.

Comentei que havia visto o vídeo de Ivonildo e, fechando imediatamente sua expressão ela disse que eu tomasse cuidado com o que dizem na internet porque ali é “um lugar de maledicência e de inveja” e que tudo o que estavam dizendo era “fofoca” mesmo que fosse verdade o que o pastor havia relatado, ele deveria ter falado diretamente com Thalles, como “irmão” porque

a bíblia manda exortar se o irmão errar mas na internet pra todo mundo ver é contra todos os cristãos, é maledicência, é fofoca, e deus condena, atrapalha a obra...você mesma, você é cristã? (respondi que não) pois é, você já tá com uma imagem ruim do Thalles, já perdeu a chance de ouvir, de abrir os olhos, o que o cara [pastor Ivonildo] fez foi fofoca, atrapalhar o evangelho e isso é errado, não é um qualquer é o Thalles que todo mundo conhece, sabe que tem um trabalho pra Deus

Assim, aparece uma distinção entre uma “exortação” que seria uma fala direta com a pessoa para a qual haveria uma crítica e a “maledicência” e a “fofoca”, que seriam, para Thalles, informações não confirmadas em circulação, e na ênfase de Edilane, o agravante do compartilhamento público dessas críticas. Se o primeiro comportamento é visto como positivo, o segundo seria um ataque a algo maior do que a pessoa criticada, algo que prejudicaria a imagem pública e a comunicação dos evangélicos com os não evangélicos.

As perguntas sugeridas por Abrahams (1970) para uma análise desse tipo de mecanismo apontam para a problematização do que configura ou não como legítima a

circulação de uma informação mas também que tipo de efeito essa circulação tem sobre as pessoas implicadas.

Uma das características das informações que operam nos mecanismos de controle social enquadrados pelas comunidades estudadas por ele como “fofoca” é que sua circulação se daria por meios extra-oficiais, prezando-se, especialmente, pela ausência da pessoa sobre a qual se fala. Em tempos de internet interativa, a chamada web 2.0, surgem novos matizes para essa questão. No enquadramento de Edilane, a publicização do conteúdo é precisamente um dos pontos que caracteriza a “fofoca” e esse deslocamento para o espaço público é o que deslegitima a circulação dessa informação.

A “ausência” da pessoa de que se fala deixa de ser a impossibilidade de que este saiba o que se fala a seu respeito e passa a ser a “ausência” da voz da pessoa de quem se fala. Conflitos internos deveriam, segundo esse ponto de vista, ser resolvidos em uma esfera particular e pessoal, a da “exortação”.

A publicização das informações negativas acerca de Thalles, embora em um espaço público como a internet, é vista como “fofoca”, justamente porque não se dirigiria ao objeto de sua crítica, mas procuraria torná-la conhecida de outros. Por isso mesmo, Eliene identifica a internet como um espaço de fofoca, termo com o qual parece querer indicar também a falta de confiança na veracidade da informação.

O caso de Thalles traz à tona o caráter ambíguo do lugar do cantor-ministro, como uma figura pública que representa sem representar. Por um lado, o fato de estar em evidência pode ser apontado como um obstáculo que tira a atenção de Deus e que o coloca em suspeita de vaidade e interesse financeiro, que seriam opostas a uma postura de ministro desinteressado. Por outro lado, sua visibilidade o torna “exemplo” para os não evangélicos e haveria uma “obra de Deus” operando através dele, a qual se deveria preservar.

Assim, a crítica também ocupa um lugar ambíguo. Se por um lado “derrubar estrelas” é um mecanismo desejado para que se volte atenção a Deus, por outro a publicidade dessa crítica pode colocar em cheque as intenções de seu emissor, que pode ser enquadrado como maledicente, já que a crítica ultrapassa o espaço privado em que seria considerada uma exortação benéfica ao outro como a intenção de mudar seu comportamento.

A crítica pública a um cantor famoso pode ser vista, assim, como um risco à própria imagem pública dos evangélicos e da “obra de Deus”. As redes sociais, como espaços em que a circulação de informação permite a emissão de mensagens por quase qualquer indivíduo podem ser enquadradas, dessa forma, como espaços de “fofoca” e “maledicência”, e não de “exortação”.

“Nós pode rir e vigiar”

A “Manifestação Pacífica em Brasília” foi convocada por diversas lideranças articuladas com a Frente parlamentar evangélica e seus aliados, em meados de 2013. Naquela ocasião, estava sob holofotes a nomeação do deputado Marco Feliciano para a presidência da comissão de direitos humanos da câmara federal. Francamente contrário a bandeiras consolidadas pela comissão até então, especialmente as relativas às pautas do movimento GLBTT¹⁰, a nomeação do deputado enfrentava contestação de diversos setores.

Embora não seja parlamentar, o pastor Silas Malafaia foi o principal articulador do evento. Líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo – ADVEC e presente na televisão há quase 30 anos apresentando o programa Vitória em Cristo (anteriormente o programa se chamava “Impacto”), Malafaia é um articulador importante, mediando as posições dos setores evangélicos representados no Conselho de Ministros do Estado do Rio de Janeiro, dirigido atualmente por ele, e setores políticos interessados em dialogar com os “evangélicos”. Seu apoio é disputado a cada eleição por candidatos diversos que o reconhecem como um interlocutor representativo desse público.

Famoso por sua maneira veemente de se expressar, com uso de diferentes tons e volumes de voz para ênfases e expressões populares para exemplificar seus argumentos, o Pastor, que já tinha destaque na arena de debates acalourados sobre o PL 122¹¹, ganhou

¹⁰ Refiro-me a uma pluralidade de grupos que costumam identificar-se com a sigla GLBTT – “gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais e transgêneros” ou variações dela.

¹¹ Projeto de Lei que propunha, entre muitas outras coisas, o enquadramento da homofobia como crime e medidas educativas contra a discriminação por gênero e sexualidade, pontos contestados pela Frente Parlamentar Evangélica.

grande atenção ao conceder uma entrevista ao programa “De frente com Gabi”, do SBT, em que defendeu posições radicais quanto à homossexualidade e aos direitos de homossexuais.¹²

A manifestação foi agendada para a quarta-feira, em frente ao congresso nacional, para o dia 5 de junho de 2013, dia da votação do Estatuto do Nascituro que atribui direitos de pessoa ao feto e significa um limite legal a projetos de descriminalização do aborto. As bandeiras estendidas pelo palco diziam “pela família”, “pela vida”, “pela liberdade de expressão” entre outras referências às principais pautas da frente parlamentar evangélica naquele momento¹³.

Fui ao evento com um grupo de jovens de diferentes igrejas que são amigos de minha prima e entre os quais estava Júnior, que se define como “afastado” e que estava interessado em assistir aos *shows* dos cantores que se apresentariam naquele dia. Diante do grande número de falas que se davam no intervalo das apresentações ele disse que achou o *show* “fraco” com muita “falação”. Como ele, outras pessoas também foram interessadas nos *shows*, mas havia uma grande quantidade de caravanas vindas de todas as regiões do país em ônibus organizados por igrejas de denominações diversas.

Qualquer conversação oficial no espírito de “entrevista”, porém, recebia respostas muito semelhantes às falas oficiais das lideranças organizadoras. Inclusive de Júnior, que para os registros oficiais de meu bloquinho preferiu dizer que estava lá “para exercer a cidadania de todo cidadão cristão brasileiro”.

O evento ocorreu com grande público, que chegou, segundo a Polícia Militar, a 70 mil pessoas. O tempo se dividia entre as falas de parlamentares e lideranças ligadas às bandeiras defendidas no evento e apresentações de cantores de grande repercussão nacional, que, no entanto, se limitaram a cantar entre 1 e 3 músicas interpretadas apenas com o apoio de um “*playback*”, já que não havia tempo ou espaço para músicos de apoio.

¹² A entrevista se encontra disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14> . Conferido em 15/08/2014.

¹³ A repercussão dessas pautas para as discussões realizadas naquele ano em termos de legislação é, respectivamente, pelo impedimento ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, contra a legalização do aborto e contra os projetos de criminalização da homofobia.

Ficamos posicionados numa região próxima ao palco e, um pouco atrás de mim, estava um grupo de em torno de 10 jovens, todos homens, que haviam ido juntos e vestiam blusas com a inscrição “Família: projeto de Deus para o Brasil”. Ao longo de todo o evento eles gritavam coisas para que todos ouvissem e riam bastante das piadas que faziam, assim como os que os circundavam.

Imitaram a voz aguda da cantora Damares e quando Marco Feliciano foi chamado ao palco, por exemplo, um deles gritou “Feliciano, eu te amo, casa comigo, gostoso, esse seu cabelinho másculo, ô abençoado...”, gerando risadas dos que ouviam. Que eram muitos.

Quando iniciou-se a fala de Silas Malafaia, eles foram parte dos que aplaudiram veementemente o Pastor. O discurso tinha um tom inflamado, característico do orador, mas a voz de Silas parecia estar cansada e falhou algumas vezes em que tentou dar mais volume a algumas palavras para enfatizá-las. O que deveria soar como um volume mais alto de uma voz firme soava de maneira aguda conforme a voz falhava. Isso aconteceu pela primeira vez enquanto Silas dizia: “o crime de opinião foi extinto no Brasil e o ativismo gay [falha na voz] quer dizer que é homofobia, isso é uma afronta ao Estado democrático de direito.”

A reação do grupo foi imediata e iniciou-se uma série de imitações que repetia as palavras que se sucederam no discurso com o tom agudo da falha de voz, acompanhada de um gestual que remetia aos estereótipos comumente atribuídos à homossexualidade, associando-o, portanto, ao principal alvo daquele discurso, os “ativistas gays”.

Essa dinâmica se seguiu durante o discurso, com especial ênfase no momento em que Silas Malafaia imitou a Senadora Marta Suplicy, provocando ele próprio um efeito cômico que encaminhava o argumento citado da senadora ao absurdo:

E aí eu acho engraçado, gente, a senadora Marta Suplicy resolveu e a imprensa repete essa besteira, a senadora resolveu quebrar o galho dos evangélicos: ‘atenção pastores evangélicos, nós vamos quebrar o galho de vocês no PLC 122, olha na igreja vocês podem falar contra a prática homossexual’. Ô dona Marta, eu queria avisar à Dona Marta, eu queria visar ao ativismo gay, eu queria dizer que eu to garantido pela constituição nacional.

Mais uma vez, a reação dos rapazes foi imitar a imitação do Pastor, enfatizando os aspectos femininos da fala e repetindo “ô, Dona Marta”. O discurso seguiu:

Eles nos chamam de fundamentalistas, escute, fundamentalistas, porque nós defendemos a família, porque nós defendemos valores morais, porque nós somos contra as drogas, nós somos os fundamentalistas. Sabe o quê que eles são? Os fundamentalistas do lixo moral. [o público aclama e os rapazes repetem incessantemente “lixo moral, lixo moral, lixo moral”] Escreve aí, bota no jornal, que o pastor Silas Malafaia chamou o ativismo gay de fundamentalismo do lixo moral. Senhores da imprensa, nós que somos chamados de fundamentalistas queremos uma imprensa livre até pra falar mal de nós, nós não queremos cercear a imprensa não, agora eu fico vendo esses esquerdotas que querem o controle da mídia pra controlar o conteúdo. Eles tão pensando que o Brasil é Nicarágua, Venezuela, Bolívia, equador e Argentina, aqui não. Imprensa livre, sempre livre. – livre, livre, livre – os esquerdotas que tão aí que não somos nós, porque nós queremos a imprensa livre quer um novo marco regulatório pra controlar a imprensa e controlar o Estado e a sociedade e querem botar a mão na gente, querem botar a mão na nossa voz

Os rapazes repetiram “lixo moral” com o restante do público na primeira menção de Malafaia ao termo e seguiram repetindo ao final de cada frase que o pastor dizia, mesmo quando ele se referia aos evangélicos, causando um efeito cômico que foi bem sucedido entre os que os cercavam:

Eu tenho uma notícia boa pra vocês. Agora de manhã, escute, por pressão nossa, foi aprovado na comissão o direito do nascituro [rapazes gritam lixo moral, lixo moral] A comissão aprovou que o pequeno bebê no útero da mãe tem que ser protegido [rapazes gritam: lixo moral, lixo moral]

Já no final da fala do pastor um dos seguranças do evento, vendo a comoção cômica daquela parte do público veio chamar a atenção dos rapazes e disse em alto som para quem quisesse ouvir: “vocês tão de palhaçada, véio, se continuar vou ter que tirar daqui, tão achando que isso é brincadeira, isso é papo sério, vigia varão, tem que vigiar” Ao que os garotos responderam rindo e cantando “vigia, varão, vigia” em ritmo de funk.

O ímpeto do segurança foi ir em direção aos rapazes, mas foi impedido pelas pessoas que pediam calma e diziam “tão só brincando” “deixa os meninos”, diante do que o segurança foi embora. Enquanto ele ia, um dos rapazes ainda gritou “e minha liberdade de expressão?” remetendo à frase estampada por todos os lados no evento. O segurança não olhou para trás e, já terminado o discurso de Malafaia, o evento seguiu com apresentações musicais às quais o grupo continuou a reagir com empolgação e ironia.

Por fim, fui conversar com o grupo ao fim da apresentação e ao comentar que estava impressionada com a situação, especialmente pelo fato das brincadeiras incomodarem o segurança, um deles disse:

Ele não viu que nós só tava [sic] descontraíndo. Nós tá aqui [sic] por Deus, pelo Brasil, não pelo Silas...

- eu tô pelo Feliciano, meu amor, [outro diz, interrompendo e remetendo novamente a um estereótipo do homossexual masculino, dobrando as mãos e rebolando os quadris]

- fica essa coisa pesada [retoma o primeiro] ele é homem, a gente pode rir de homem, é falho, todo homem é falho.

Perguntei o que o segurança quis dizer com vigiar e ele respondeu:

Ah, ele é segurança ele é vigia [risos]. Vigiar é quando você não deixa, é o que a bíblia manda, quando você não deixa o pecado tomar lugar e satanás iludir, mas só que nós pode rir e vigiar, não é não?. Aliás tem que vigiar a idolatria, vigiar o Silas [o outro interrompe novamente]

- só se ele deixar o bigode, ah, Jesus, queima.

No dia seguinte os jornais estampavam fotos de uma grande massa¹⁴ embaixo de manchete que mencionavam Malafaia e “evangélicos”. Em contraste com essa imagem de massa, acho que a dinâmica da brincadeira desses rapazes pode nos ajudar a pensar que, se por um lado, a presença dos 70 mil significou capital político para as negociações

¹⁴ Alguns exemplos desse tipo de abordagem estão presentes na cobertura de veículos de grande circulação como Folha de São Paulo <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1290466-evangelicos-fazem-protesto-contra-o-aborto-e-o-casamento-gay-no-df.shtml> . Site G1, <http://g1.globo.com/distrito-federal/fotos/2013/06/evangelicos-fazem-manifestacao-em-brasilia.html#F826743> e jornal Estado de São Paulo <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-ato-contra-gays-silas-malafaia-diz-que-uniao-homoafetiva-e-crime,1039203>. Disponíveis em 18/08/2014

levadas a cabo pelos “representantes” do palco, as pessoas que compõem esses 70 mil não são uma massa homogênea e passiva, mas possuem suas próprias estratégias para imprimir suas vozes ao evento, ainda que não microfonadas.

Este é um debate que vem sendo feito acerca das produções chamadas “massivas” ou, como preferem alguns, da “indústria cultural”. O controle sobre a produção exercido por dirigentes ligados a corporações, alta burocracia Estatal e toda sorte de grandes “poderes” levou alguns analistas a uma postura de pessimismo metodológico sobre as possibilidades de agência do público¹⁵, formulando uma ideia geral de manipulação, que como lembramos no início deste trabalho, também se faz presente nas discussões sobre religiões, especialmente as atreladas a camadas mais pobres da população.

Recupero, por isso, as reflexões de autores como Jesus Martin Barbero (1997), que enfatiza a importância de pensar as mediações necessárias à realização desse tipo de produção. Para ele, mesmo se pensarmos as assimetrias em termos de hegemonia de um grupo sobre outros, é preciso perceber que essa hegemonia se faz por meio de mediações¹⁶ com o que ele chama de “matrizes culturais populares”. Não por acaso, um dos estudos mais clássicos que inspiram essa linha de trabalho é justamente a análise de Mikhail Bakhtin sobre a obra de François Rabelais.

Quando Bakhtin (2010) analisa o lugar do humor no carnaval da Idade Média ele ressalta que o humor teria um papel não apenas de rebaixar as coisas altas, mas também de propor um novo mundo. As imagens utilizadas no carnaval medieval carregariam uma ambiguidade que não apenas degradaria os objetos representantes da “ordem”, mas também traria outras possibilidades de mundo. Sua conclusão é que o humor teria perdido, na atualidade, o papel propositivo, o pólo positivo. A ambiguidade que as imagens que colam pólos opostos provocam, porém, ainda parece pertinente.

O risível, naquela situação, tinha relação com a associação de opostos que, se tomada apenas uma leitura literal dos discursos, são inconciliáveis. As imitações de Silas Malafaia o situavam não apenas como uma pessoa comum, mas também colavam aquela

¹⁵ A chamada Escola de Frankfurt, especialmente nos trabalhos de Theodor Adorno é o exemplo mais significativo, e por isso mesmo sempre mencionado.

¹⁶ Ideia que ele recupera do próprio conceito gramsciano de hegemonia.

imagem forte que falava diretamente contra o “ativismo gay”, justamente, à forma estereotipada da performance homossexual.

Essa colagem de opostos, me parece, ultrapassa a simples destruição do outro presente em muitos dos usos de estereótipos desse tipo no humor (Kotthoff, 2006) que trata de gênero e sexualidade. Num ambiente em que as posições se apresentam de forma tão polarizada, o uso desse recurso traz uma ambiguidade que permite estranhar o discurso de Malafaia e o situa o discurso como mais um entre outros.

Se o uso desses estereótipos em piadas tem sido encarado como fortalecedor de uma visão redutivista e preconceituosa da homossexualidade, atrelar essa performance a seu opositor mais radical significa colocar ambos em terreno comum.

Ao tratar do poder, Balandier (1982) lembrava que o riso pode contribuir para a tolerância de abusos, já que reduziria tensões. Mas o que significa distencionar um discurso que guarda justamente na tensão de dois pólos irreconciliáveis sua maior força? Penso que o caso em questão demonstra que significa, no mínimo adicionar outras possibilidades de leitura a esse discurso.

Se a imitação que Malafaia fez de Marta Suplicy reduzia a fala da senadora ao absurdo, a imitação da imitação significava equalizar as falas, como falas públicas, como coisas sobre as quais é possível construir e reconstruir significados.

O risco que essa posição ambígua pode causar aparece por exemplo na postura do segurança que tenta cessar o riso. A ideia de “vigiar” aqui cumpre um papel importante, carregando um tom de acusação ao comportamento dos rapazes, e remetendo a uma importância do aspecto público com o qual esse comportamento deve estar preocupado.

Assim como no caso de Thalles Roberto, acusar o acusador poderia deslegitimar a primeira acusação, nesse caso, a cobrança do vigiar tenta desfazer a ambiguidade do riso e, principalmente sua multivocalidade. “Vigiar” seria impedir brechas nesse fluxo. Refazer a fala da autoridade em outros termos pode dar lugar a um entendimento diferente.

esse o argumento, por exemplo, de Camilla Alvarce ao recuperar algumas concepções ocidentais historicamente desenvolvidas sobre o riso. A autora baseia-se nas reflexões de Schopenhauer para formular uma ideia de que o riso pode funcionar como um tipo de conhecimento. Assim como em Umberto Eco (2006), vemos o riso como uma brecha que pode nos ajudar “estranhar” o mundo como o vemos.

A ironia dos rapazes ao discurso de Silas não propunha uma rebelião mas significava que aquela fala não era algo de intocável ou pronto. Significava estranhá-la. O riso compartilhado pelas outras pessoas que os cercavam nos permite pensar que esse estranhamento também alcançava um efeito no restante do público, que conciliava as diversas motivações que os levaram até ali com o riso sobre a fala do maior representante do evento.

Quando os rapazes dizem que Malafaia é apenas um homem, sintetizam um dos sentidos mais importantes de seu riso. Assim como para Bergson (2007), o risível é acima de tudo o que é humano, o riso situa o outro em um patamar alcançável, Malafaia é trazido a essa humanidade e sua posição como figura pública e representante situada em termos que não absolutizam sua fala. E o humano para esse ponto de vista é “falho”.

Com isso, não pretendo afirmar que as pessoas não estejam de acordo com as linhas gerais do evento, mas apenas que diferentes motivações podem estar em jogo para os presentes, assim como a relação com as lideranças é mais complexa do que uma adesão cega e automática como pretendem alguns. Os arranjos dessa autoridade são flexíveis e precisam ser mediados, no sentido pretendido por Martin Barbero, com o público, que participa ativamente – mas não automaticamente – desse processo.

Uma figura pública e seu discurso não é nada em si mesma. Ela só faz sentido como relação. As vozes não microfônicas podem dar um tom bem mais matizado do grande coro das “massas” quando escutadas mais de perto.

Considerações finais:

Embora ainda haja muitos desdobramentos a serem feitos acerca da questão das figuras públicas entre os evangélicos, creio que trazer os dois casos tratados acima cumprem o papel de levantar alguns pontos chave.

Percebemos que há uma grande importância do modelo midiático da chamada “web 2.0” (ou seja, do modelo de internet interativo, com base em redes sociais que opera a partir de 2002) para o desenvolvimento de novas formas de operação de mecanismos de regulação social e as implicações de “mistura” com produtos, imagens e modelos não evangélicos que decorrem delas.

Além disso, vimos que as acusações, como reguladoras sociais, são elas próprias reguladas por outras acusações. A “fofoca” e a “maledicência” são vistas como “pecado”, exigindo estratégias de enquadramento dessa circulação da informação em categorias que acionam modelos de comunidade muito diferentes entre si;

Por fim, o argumento central deste trabalho, a razão pela qual escolhi me deter sobre os casos de que tratamos, é a percepção de que a “fofoca” e o humor constituem espaços privilegiados para a percepção de múltiplas agências (em especial dos “públicos”, muitas vezes lidos como passivos) na construção e desconstrução de figuras públicas. Essas operações não necessariamente destroem sua legitimidade, mas constituem uma maneira específica de relação com ela, repleta de reinterpretações e limites.

Referências Bibliográficas

ABRAHAMSON, R. *A performance-centered approach to gossip*. *Man* 5(2), 1970.

ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão donacionalismo*. São Paulo, Companhia das letras, 2008.

APPADURAI, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1996.

BAKHTIN, M. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

ECO, U. *Entre a mentira e a ironia*. Rio de Janeiro: Record: 2006.

- EPSTEIN, A. L. *The network and urban social organization*, In: MITCHELL, Clyde (org.) *Social networks in urban situations*. Manchester, Manchester University Press, 1969.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CUNHA, M. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro. Mauad X. Instituto Mysterium, 2007.
- ELIAS, N. *Os Estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GLUCKMAN, M. *Gossip and scandal*. *Current Anthropology*. 4, 1963
- FABIAN, J. *Anthropology with an attitude: critical essays*. Stanford, Stanford University Press. 2001.
- HANNERZ, U. *Gossip, networks and culture in a Black American ghetto*. *Ethnos* 32, 3, 1967.
- KOTTHOFF, H. *Gender and humor: the state of art*. *Journal of Pragmatics* 38, 2006.
- MACHADO, M.D.D. *Existe um estilo evangélico de fazer política?*. In: BIRMAN, P. (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial. 2003.
- MACHADO, C. *Novos Movimentos Religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(2), 2010.
- MAFRA, C. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed.2001
- MAFRA, C. *A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”*. *Mana* 17(3), 2011.
- MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- NOVAES, R. *Divina Política. Notas sobre as relações entre Religião e Política*. *REVISTA USP*, São Paulo, n.49, março/maio 2001
- NOVAES, R. *Os Escolhidos de Deus. Trabalhadores, Pentecostais e Cidadania*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.
- ORO, A. P. *A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 18 Nº. 53. 2003.

VITAL DA CUNHA, C.; LOPES, P. V. *Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

VELHO, G. *Observando o familiar*. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). *A aventura Sociológica: objetividade, paixão improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

VIDISH, A. J. e BENSMAN, J. *Small town in mass society* (rev. edn). Princeton, N.J.: Univ. Press, 1968